



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡



A VÓZINHA

POR MARIA EMILIA BARBOSA VIANA
DESENHOS DE ADOLFO CASTAÑE

A VÓZINHA, avózinha, conta-me mais contos, dêsses contos tão lindos, em que entram a Nossa Senhora, o Menino Jesus... sim?!» A criança que assim falava, era um adorável rapazinho, que não podia ter mais de 6 anos de idade, muito gordinho, com as frescas faces rosadas, uns soberbos olhos azuis, dum azul celeste e tendo a emoldurar-lhe o rosto uns preciosos caracóis dourados. Chamava-se Fernando.

Era filho único dum médico distintíssimo, considerado, sem favor algum, a maior notabilidade médica do seu país. Esse homem da ciência, que consumia os seus dias a estudar, a descobrir novos processos para retardar a morte aos seus semelhantes, para curar aqueles que, cheios de esperança na sua indiscutível sabedoria, imploravam alívios para os seus males, era um ateu! «Deus, dizia ele, existe apenas nos corações dos espíritos fracos, que necessitam viver sempre sobre o domínio dum ideal!» E era com um sorriso irónico que ouvia alguém falar-lhe, com fé, de Jesus, da Virgem, de algum milagre... enfim!

—O dr. Gouveia (era assim o seu nome) vivia apenas com sua mãe e o seu filho e nestes dois entes, resumia ele toda a sua afeição, todo o seu carinho. Sonhava para esse filhinho um futuro muito próspero, em que tudo fôsse rosas, como se as rosas não tivessem... espinhos! Era interessante ver como essa fisionomia, de ordi-



nário rígida, impassível, habituado, como estava, a assistir a tantas doenças, a tantas mortes, mais ou menos trágicas, se transtornava quando falava do filho. Os seus olhos adquiriam um brilho singular, e na sua boca esboçava-se, instintivamente, um sorriso, que revelava todo o amor que ele lhe dedicava!

Como fôsse viuvo, a educação de Fernando foi completamente entregue a sua avó, essa santa velhinha que estremeia o neto, e que, (às escondidas do filho, que a adorava e respeitava, mas que era duma intransigência absoluta, no que dizia respeito a religião), contava a Fernandinho contos baseados na sagrada escritura, fazendo, assim, por incutir á criança, duma maneira indirecta, a fé em Deus e em tudo o que se relacionasse com Ele! Fernando, com os olhos esbugalhados, helos de pasmo, de admiração por esses milagres divinos, que a avó lhe contava duma forma que só as avós sabem contar, ia a pouco e pouco criando, na sua alma cristalina, uma ardente fé em Jesus!

Sempre que via a avó bem disposta, lá ia ele, sorrateiro, para próximo dela; enlaçava-a com os seus bracitos, fazia estalar sobre o seu rosto enrugado sonorosos beijos e, numa vozita irresistível, suplicava: — «Avó, avózinha, quero mais contos do Menino Jesus, sim, sim?! Fazes a vontade ao menino, fazes?!»

Como podia a boa senhora recusar? Apertava-o nos seus braços já um pouco trémulos pela idade, e ei-la a contar-lhe contos, contos lindos, que faziam a delícia do nosso bebé.

Corria o mês de Maio!

Em redor do lindo palacete do dr. Gouveia, tudo estava florido! O colorido das flores, juntamente com os seus perfumes inebriantes, oferecia, a esse jardim, um ambiente mais do que invejável! Fernando passava quasi todos os dias no jardim, em que tinha muitas vezes por companheiros de folguêdo os seus 2 priminhos, a Maria Tereza e o Antoninho, dois garotos mulhinhos bulhentos, mas lindos e, sobretudo, muito engraçados!

Então, era vê-los correr, gritar, saltar, pular, numa alegria doida, numa despreocupação completa de tudo o que decorria em sua volta.

Fernandinho acordára nesse dia mal disposto; uma dor de cabeça apouentava-o, mas como era dia de virem os primos brincar, e ele de forma alguma se queria pri-

var de tão ilustres companhias, achou mais prudente não se queixar.

Eram, aproximadamente, 4 horas, quando estes chegaram. — «Oh, avó, avó, lá vêem os primos!» Diz Fernando ao mesmo tempo que ia correndo para a porta da rua a fim de os receber.

Foi uma chuva de beijos, de abraços, á mistura com gargalhadas intermináveis.

— Vamos brincar, vamos? Convidaram Antonio e Maria Tereza.

Fernando lá se deixou levar, se bem que um pouco mais triste do que habitualmente. Era bom de apreciar, ver aquelas 3 crianças, de tipos diversos, respirando saúde, numa entusiástica correria por esse jardim, sob a vigilância discreta da boa avózinha que, de vez em quando, cessava de fazer mela, para contemplar, desvanecida, esse quadro encantador! Todavia, quando o seu olhar se fixava em Fernando, tinha scintilações estranhas, e o seu rosto adquiriria uma expressão quasi triste. Porquê?

Porque essa bondosa senhora sabia que o seu filho não consentiria nunca no baptismo desse anjo, nem em dar-lhe nenhuma espécie de educação religiosa; e ela, como todas as crentes, temia... temia por ambos!

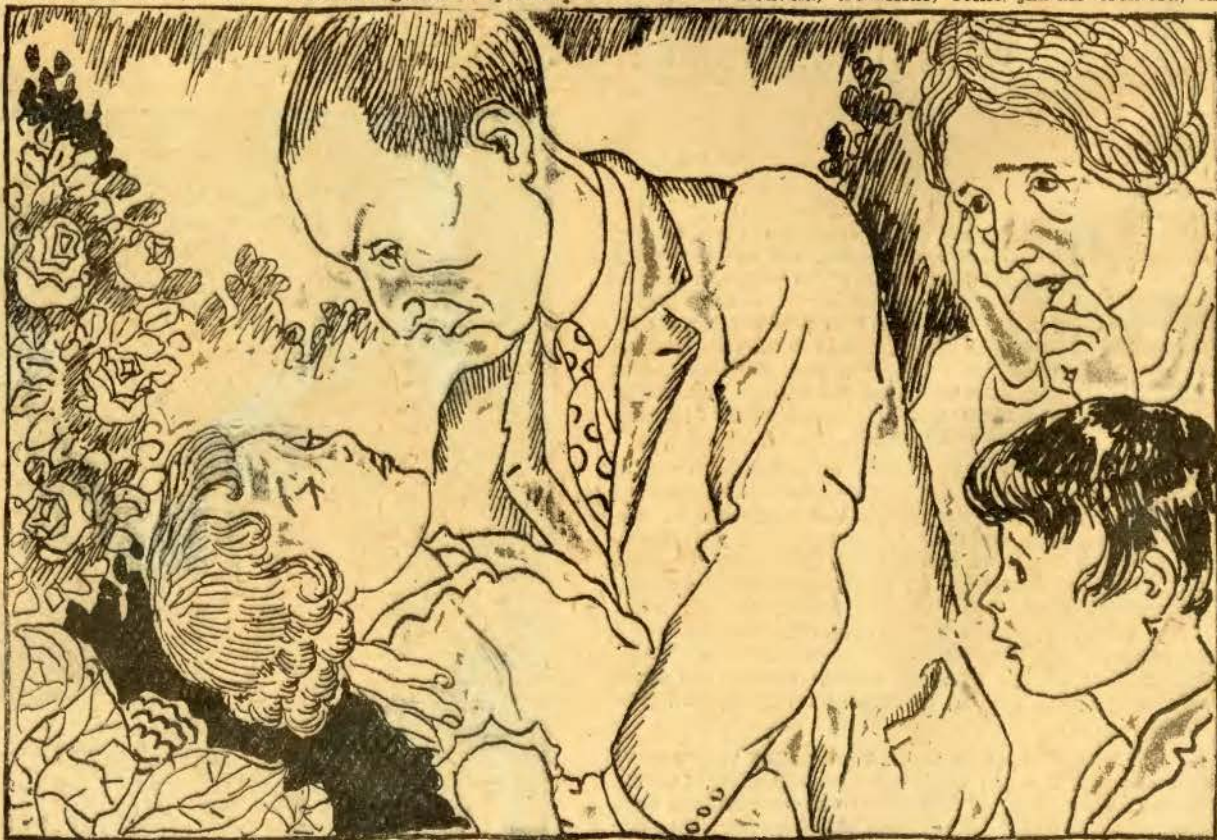
A's vezes, tentava abordar esse assunto melindroso! Ele, porém, atalhava logo, dizendo: «Mas, minha mãe, deixemo-nos de comédias; não creio!»

Não quero que meu filho seja educado nessa ordem de idéas; todas as tentativas, nesse sentido, serão inúteis! E a pobre mãe recolhia-se em silêncio, não deixando, porém, de erguer a Deus, no mais recondito do seu coração, preces por esse filho que vivia imerso nas trevas, tão distante da verdadeira luz! Entretanto as crianças continuavam brincando...

De subito, gritos dilacerantes ecoaram nos ares e vieram pôr termo ás meditações da avó. — O que foi, o que foi?!» Foram as palavras pronunciadas em uníssono pela avó e pelo dr. Gouveia que chegava precisamente nesse momento.

— O Fernando... o Fernandinho... foram as únicas palavras que Maria Tereza e Antonio conseguiram articular. Loucos de desespero, aproximaram-se dos pequenos, e viram Fernando muito corado, os olhos com um brilho febril, jazendo por terra, sem forças para se levantar.

O dr. Gouveia, tremendo, como jámais tremera, exa-





minou, imediatamente, o filho. — «Grave, um tifo!» balbuciou o pobre pai.

— Um tifo?! voltou a avó desesperada.

— Sim, mas hei-de salvá-lo; a ciência a que tenho sacrificado toda a minha vida, há-de recompensar-me, agora, salvando-me o meu filho!

— Sim, Deus o salvará! voltou a avó com firmeza. Imediatamente conduziram o enfermo para o leito e foram dadas ordens para chamar os médicos mais ilustres da cidade. Os diagnósticos destes foram, como aliás não podiam deixar de ser, iguais aos do dr. Gouveia; isto é: — Grave, mas não desesperado, a não ser que sobrevenha alguma complicação. E assim terminou esse dia que principiara tão alegremente!

Os dias sucediam-se numa rapidez pasmosa e com o decorrer dos dias as esperanças desvaneciam-se nos corações angustiados do pai, da família, dos médicos, excepto da boa avózinha. Essa tinha a iluminá-la a sua fé inquebrantável! E, por um contraste curioso, quanto mais a medicina se sentia impotente para debelar o mal do pobre Fernando, mais a avó sentia renascer, na sua alma límpida, um clarão de esperança! Descrever o estado de espírito do dr. Gouveia, seria tarefa para uma poça de páginas, e eu não vos quero maçar muito, pequeninos leitores; por isso limitar-me-hei a dizer que o doutor estava numa disposição bem digna de lástima.

A complicação temida, com verdadeiro desespero, deu-se! Fernando estava irremediavelmente perdido! Os médicos procuravam, agora, salvar o pai, já que ao filho nada restava fazer. Cortava o coração mais duro, ouvir as palavras cheias de amargor do pobre pai, tais como estas que ele dizia soluçando — «Ah ciência, ciência que me atraíste quando eu tudo esperava de ti; como te abomino, como te odeio. Porque me não deixas salvar esse pequenino ser cuja vida principiava a despontar, quando tantos dias felizes ele podia ainda gozar?!»

— Meu filho, porque te não diriges a Deus, já que da ciência, nada esperas? volve-lhe a mãe.

— Deus?! Acaso Ele existe? Eu rogar a'quele que nunca vi, e de quem nunca presenti, sequer, a existência? Onde se esconde esse Deus que para aí se adora?!

— Onde Ele se esconde, meu filho?! Em parte alguma. Ele está em todo o lugar; aqui mesmo Ele se encontra. Roga-lhe, pede-lhe com fé, junta as tuas ás minhas preces e tu verás como Ele se mostrará em toda a sua Omni-

potência, salvando-te o nosso Fernandinho. — Inflexível como uma estátua, o dr. Gouveia, limitou-se a contemplar o filho que, com as faces cadavéricas, os olhos já sem brilho, era bem uma pálida imagem daquela criança robusta que, dias antes, brincava alegremente no jardim. A todo o momento se esperava o desenlace fatal!

Em todos os rostos havia lágrimas. Era um espectáculo verdadeiramente desolador!

Repentinamente, porém, a criança ergue-se um pouco, fixa o olhar num ponto indeterminado e exclama, tomada duma excitação extraordinária! — Vejo Nossa Senhora sorrindo para mim, pai! Ela não quer que tu sofras como Ela sofreu quando lhe mataram Jesus! Ela quer que eu viva! Avó, dá-me a cruz!

A avó entrega-lha sorrindo; todos os assistentes a esta scena, mais do que emocionante, estão suspensos dos lábios daquele enjo.

Ao pegar na cruz, Fernandinho levantou-a aos lábios e disse: «Virgem Santa em nome do Menino Jesus, Vosso Filho, cura-me!» E... (oh prodígio dos prodígios!) como se aquelas palavras fossem mágicas, o seu rosto adquiriu, como por encanto, uma cor rosada, e os seus olhos um brilho revelador duma vida nova que se lhe principiava a notar. Um sono reparador veio suceder a esta scena. Estava livre de perigo! Os médicos ao examinarem, novamente, o enfermo, apenas puderam pronunciar com as vozes embriagadas pela comoção: — «Um milagre!»

Ao ouvir estas palavras a avózinha sorriu, sorriu duma maneira indefinível. Então, aquele homem, que fora sempre um descrente, aproximou-se da mãe, com as lágrimas a rolarem-lhe em fio pelo rosto, e disse: — Mãe; eu creio em Deus, vi-o agora, salvando o meu filho duma morte certa. Ele acaba de se me revelar abertamente!

Depois caiu de joelhos, e, pela primeira vez na sua vida, orou, orou sinceramente. A seu lado aquela Mãe, e Avó admirável, pronunciou baixinho esta oração de reconhecimento ao Bom Jesus:

— Obrigada, meu Deus! Vós na sua infinita misericórdia concedestes-me dois milagres, ambos tão grandes, tão belos que não é maior um do que o outro!

Salvastes a vida a meu neto é certo, mas, também, salvastes a alma a meu filho! E, num soluço, continuou: Meu Deus protegei sempre estes dois entes que eu tanto adoro!»

«ZÉ» MARIA CANA VERDE



I — **Z**É Maria Cana Verde, natural de Vila Banza, em toda a parte se perde por ser um pouco zaranza.



II — Com sua expressão boçal, pergunta, a todos os cantos, onde fica a rua tal, e a porta número tantos,



III — «Bomecê» vai sempre a eito, segue, depois, pela esquerda, a aos pois, do lado direito, encontra a rua Lacerda.



VI — Vai por ela toda fóra, corta, a seguir, na Travessa chamada da Boa-Hora, e segue nela. Aos pois dessa,



VII — corta, de novo, à direita, e pela esquerda em seguida, desce uma calçada e deita por uma rua comprida...



VIII — Corta, outra vez, pela esquerda, depois, de novo, à direita, e volta à rua Lacerda, achando uma rua estreita.

ERDE POR CASTAÑÉ E S. R.



III — Certo dia, já no ponto
que buscava, ao pé da entrada,
ei-lo, inda, a indagar, tonto,
onde fica essa morada.

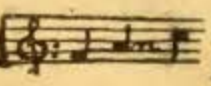
IV — Então, um certo galego,
Ramon da Xilva Xilbeira,
para trocar do labrego,
respondeu desta maneira:



IX — Mete à primeira travessa,
vem por ela sempre a eito;
quando chegar ao fim dessa,
corta ao seu lado direito,

X — Vem desembocar ali,
ao fim desta; e, nessa altura,
ao chegar de novo aqui,
está no sítio que procura!

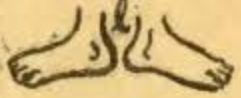
ANEDOTA TELEGRAFICA

2  EEE TA nam ,

& 1  1 tava:

-  - a  co  - na EA

 qu  toria do TL  - mo
- na

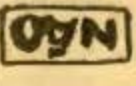
- E  ou  . A  - FA

n 1   LH   &

L  . te  KB ça!...

EA  BOA  .  - e + a C

A KI EU  - a + u OVC 

 tro  .  :: I to  ples

Tiolónig

HORA do RECREIO

A DIVINHA

I

Qual a coisa de papel
e que é de pano também,
que é ave, que fala bem
e que sobe num cordel?...

II

Qual a coisa, qual é ela,
que há na Escola, é de madeira,
dá bolos, sem ser doceira,
não é barco mas tem vela?...

III

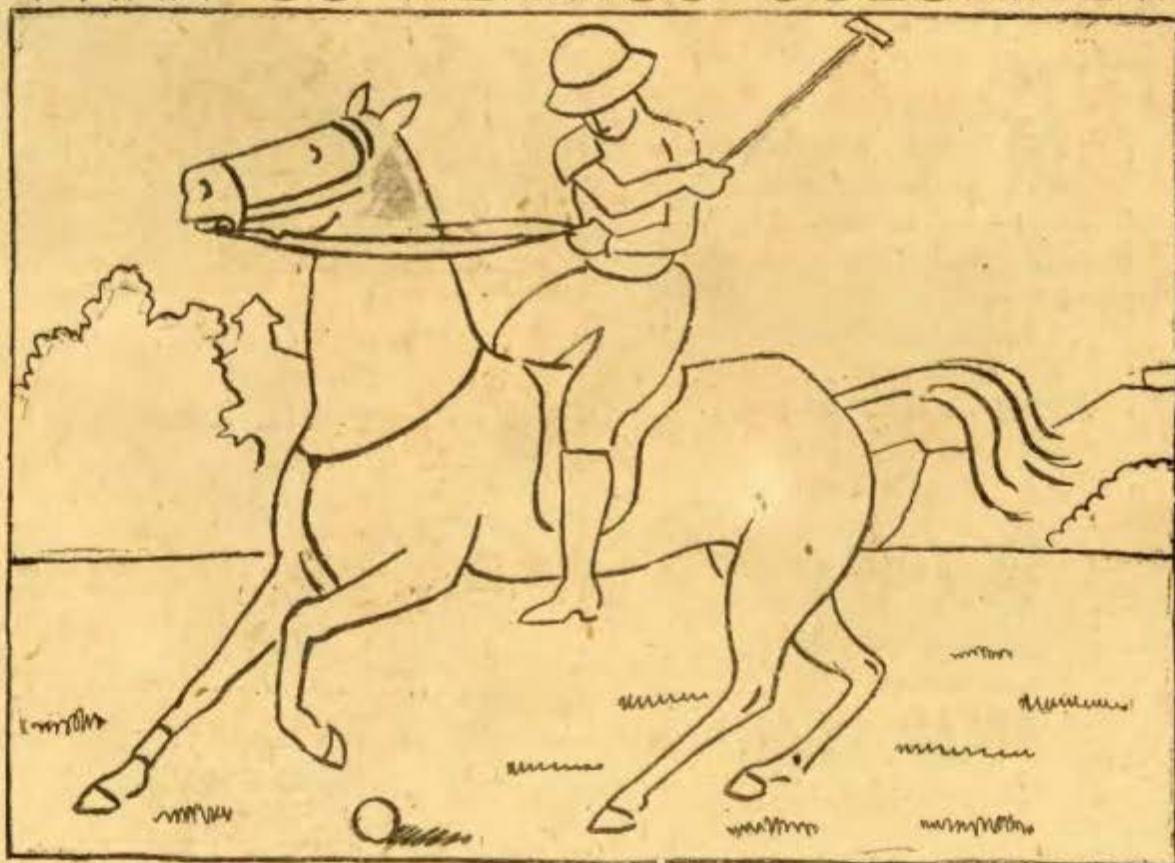
Qual a terra portuguesa,
que anda sempre, sempre a fio...
E que ao fazer muito frio,
sabe... que é uma beleza?...

Adivinha



Serão capazes de descobrir onde se encontra a vendedora das flores?

PARA OS MENINOS COLORIREM





BÊBÊ AO "LUNCH"

por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de A. CASTANÉ

— **N**ÃO quero mais «babette».
O Menino promete
ter juízo.

Não é preciso!

Mas que exquisite!...

Não quero mais «babette».
já lhe disse!

Não vê que eu não me pingo?!

Ande lá, ande!

Não vê que eu já sou grande,
assim...

dêste tamanho?!

Que, no domingo,
quando fui ao mar,
já tomei o meu banho
sem chorar?!...

Não se ria de mim!...

Fale comigo,

senão

digo

á Mamã...

Anh?!?

O papão?!!!

.....
Mamã ã-ã-ã-ã....

Mamã-ã-ã-ã-ã!...